

Num povo pessimista, não o bastante para ser neurótico, nem exasperado para ser sobre-humano, depara-se-nos às vezes certo fenómeno de combustão interior e que é pouco menos que uma nova ética. Vem ao caso falar duma gente do lugar de Adriços, pobre quase toda, fiada em credices com espírito de vantagens terrenas, e com quem convivi algum tempo. Estive em Adriços durante uma Primavera já tórrida, como hóspede da Casa da Obra, e numa altura em que essa família Pinto Midões, de quem vou falar, ainda não regressara para a temporada da província. Voltavam mais tarde do que o costume, esse ano, porque usualmente, acabadas as chuvas de Fevereiro, já dona Corina, a mãe, aparecia com o seu xailinho roxo meio de banda e os cabelos ainda negros, desgrenhados, a distribuir na grande cozinha, que abria para o terreiro do nascente, «os precisos», que eram a ração e o governo do feitor. Ainda conheci porém o poeta. Uns dias antes de eu me ir embora, ele chegou e adiante dele Belina, uma espécie de criada de confiança que tinha mesmo assento à mesa dos senhores. Lembro-me que ela me fez uma impressão desagradável e que não parecia definir-se numa precisa raça, nem ajustar-se a qualquer classe; os seus sapatos, ainda que quase novos, estavam batidos pelo calcanhar, e ela arrastava-os com uma espécie de circumspecta malevolência. Os olhos eram dum cinzento desigual, às vezes tirantes a verde, como um pequeno ramo de folhas que o vento fizesse girar; e ela olhava para tudo com um ar de dúvida, cautelosa, experimentada, falava muito pouco, excepto com desconhecidos. Talvez por pudor de se mostrar loquaz com aqueles que podiam tomar isso como

uma intimidade sempre praticável, ela guardava uma grande reserva com os familiares, sobretudo com os próprios pais; mas se aparecia um cigano, um comprador de vinho, mesmo um mendigo de fora, ela satisfazia uma espécie de calor verboso, de quase confiança, e entregava-se a uma manifestação de eloquência que tinha menos por razão a curiosidade que um certo instinto de expansão muito rico e de facto cheio de encanto. No fundo, como todas as pessoas que se furtam a um convívio fácil, ou são por natureza fechadas e de trato irregular, guardava uma originalidade delicada e conhecia, além do que se poderia supor, as criaturas.

A aldeia de Adriços, com os seus charcos barrentos, a igrejinha em ruínas, um calor de terras de Ur, o respiradouro fofo das toupeiras aberto pelo monte e onde os tacões se abatiam como numa armadilha, era toda ela deveras bastante herética em coisas de urbanização. As calçadas, com lajes polidas pelas enxurradas e o rodado de ferro dos carros de bois, tinham como única bênção a sombra dalgum velho brasão aquartelado, com o basto paquife derrubado sobre o escudo inglês. Via-se dali o dente rombo e nevoento do Marão, e toda a serra calva e solitária tinha um ar de garra encolhida sobre a grande província agreste e, no entanto, sensível. A corda de montes fronteiros era extremamente hospitaleira, povoada, com aquela cor rósea e setecentista dos palácios pombalinos e a face encaçada dos armazéns; as vinhas, com as ferrugentas cepas parecendo abandonadas naquela distância em que apenas as aves tocavam, estendiam-se, trepavam, cobriam colinas e os lombos do monte, amparadas com os muros de xisto. O vento de Primavera era ácido e penetrante, fazia rolar o pó, protegendo a infloração; debaixo do dardejar do sol, as valeiras rasgadas eram como arreganhos em que o sangue da terra, avarenta e esganada, coagulasse. O corruio da perdiz entre os bardos, o súbito rolar dum calhau, provocavam na alma um fino sobresalto. Via-se Sedielos, o Vacalar, as suas janelas relampejavam ao crepúsculo como se as casas estivessem incendiadas; quase no flanco de São Domingos, cuja capela afonsina se via de toda a região que era bacia do Douro, ficava Adriços. O dorso escalavrado da montanha, com as goelas das antigas ruínas sarracenas, voltava-se para o Sul; para o lado de Adriços era um despenhadeiro mais suave, de pedra solta que no Inverno rolava como laranjas atropelando ainda o

texugo lerdo cuja felpuda cauda sofria grandes riscos. A loba vinha parir a sua ninhada bem perto das choças mortas das últimas vinhas. Via-se o rio. Como uma pintura chinesa, liso, tímido e constante, entre as penhas que eram como pétalas fossilizadas, como o aço claro e despedido por entre as serras, via-se o rio.

Adriços, parada talvez de reis, de áulicos e físicos em misteriosas viagens cujos desígnios mal transpiram nos velhos cronistas, tem ainda esse recato de abrigo realengo, quase um sabor de incógnito naquelas paredes corridas e nos portais desertos; julgamos ver, de súbito, um pajem com um gibão de escarlata, que passa, com um murzelo pela arreata, e cruza cabisbaixo as ruas esparrinhadas de bosta. Mas é apenas uma criança que conduz à corda um garrano doente, de orelhas gachas e cujos cascos mal ferrados escorregam e ferem lume na calçada. As crianças são numerosas como ratazanas, descem às carreiras pelas angostas ruas em perseguição do arco que salta adiante com um chocar de ferro podre e aduela aberta; outras cantam no terreiro público defronte da Casa da Obra, cantam «a machadinha» ou «a corda queimada», e as suas vozes estrídulas e desavindas comovem um tanto, naquele ar de chuva, na praçazinha onde caem os beirais miseráveis de telha ondulada.

Na Casa da Obra vivia permanente Gaspar, um hortelão, casado com uma mulherzinha cujas feições roídas e incolores pareciam leprosas, e que possuía um talento cívico, uma graça de honrar os senhores que chegava a ser uma espécie de autoridade. Eram os pais de Belina. Gaspar era um homem pequeno, bêbado e preocupado com assuntos de hierarquia; ora trabalhava na vinha, quando escasseava o pessoal — e isso dava origem a questões melindrosas com o feitor, nenhum queria ceder da sua categoria —, ora era o criado favorito, e não havia mandado, trempe partida, móvel coxo e plantio de fruteira de que ele não fosse encarregado. Servia para tudo, excepto quando recozia a bêbeda, o que era frequente fenómeno e lhe enegrecia a página corrida da sua vida. Eu via-o muitas vezes pelos quintais, cismático, tentado ao desleixo, fazendo diques de terra com o sacho entre o meloal, esperando a oportunidade de cair na sorna, meter conversa e debulhar-se num palavreado, se não erudito, pelo menos efusivo em matérias cultas. Falava, e sentia-se que o descanso lhe sabia como um fio de mel, saboreava-o com a cabeça reclinada

para trás, ouvindo-se a si próprio e reflectindo, com uma espécie de desafio, as próprias razões. As histórias de agonizantes eram as que mais lhe vinham ao pêlo. Vestia muitos defuntos, era a sua queda aquilo de velar os moribundos e receber-lhes os últimos suspiros — o que decerto contribuía para aquele gosto científico em que o sentimento pelas dores dos outros se divide com o orgulho de as presenciar. Gaspar sabia imensas coisas sobre doenças, mezinhas, fórmulas velhas para curar e as deturpadas notícias da ciência. Dez anos tratou ele uma erupção do lábio, a que chamou «cirrose do bigode», com óleo de trigo queimado na folha do ferro de engomar; os resultados eram miseráveis, o método muito infeliz, porque, ao tocar a carne com uma pena embebida no unguento quente, Gaspar acompanhava o tratamento com um bom número de piruetas e imprecações com que a sua arte médica não se podia medir.

— Prometi então subir de joelhos a Senhora dos Remédios, toda menos os claros — disse-me. Os claros eram os patamares. Foi, de resto, o único desaire que sofreu nessa corruptela da ciência que ele em geral usava com certa eficácia, e não gostava de falar nisso. Eu via-o muitas vezes, como disse. Trespasado pela chuva borrascosa que caía da serra e estalava nos telhados como pedradas, apanhado pelo surdo calor que se filtrava pela teia velhíssima do cipreste e caía no tanque onde nadavam enguias malhadas de lodo, ele sempre parecia serviçal e quase mundano, naquela contumélia, naquele desbarretar-se cheio de fé, deixando ver a testa onde a carneira sebenta do chapéu deixara um vinco como uma auréola abatida. O focinho araposado, os beiços lanhados e aquele ar intacto, cheio da respeitabilidade, meio ofendida meio grata, dos bêbedos, proporcionavam-me sempre uma simpatia indisciplinada, porque eu de facto não gostava dele. Era demasiado prevenido para ser vulgar; tinha um quê de civilização, de variantes de espírito, de decadentismo que eu não sabia como interpretar. Não correspondia a esse tipo do povo, bronco, generoso, cheio de virtudes cívicas e fundado em axiomas sem imaginação; sobretudo não era um homem simples. Reconheci depois que aquilo que caracteriza o povo, a massa anónima, é uma paradoxal qualidade do individual. Há criaturas mais acentuadamente políticas, religiosas, científicas, mais gente de arte e de diplomacia entre essa raça inconsútil do folclore do que nas camadas infinitamente per-

meáveis que, depois de passarem por uma crise de negação pessoal, aceitam de braços abertos a prova do cosmopolitismo. Ainda me lembro daquele olhar jovial quando queria disfarçar a soberba dos seus conhecimentos, e que me dirigia Gaspar se eu tentava corrigir o seu tremendo estilo em que reduzia a ciência a um puro jogo de coincidência com Deus. Às vezes a sua complexidade ia até ao belo espírito; era ao mesmo tempo auditório e catedrático naquele malabarismo de informações e dúvidas, de filosofia impertinente e de demonstrações morais. Então o seu gibão, de remendos espessos como empadas e que usava com o tempo de chuva, parecia uma grande beca caindo-lhe magnificamente até aos joelhos. E a água, evaporando-se do pano, criava à sua volta uma fumaçazinha fantástica; aquela cabeça, em que se pressentia a ruiva ascendência, desenhava-se, pontiaguda, como certas armas de pedra bruta. Todo o homem do povo é um homem profundo. Gaspar mostrava-se demasiado fácil às coisas novas, desconfiava pouco do progresso e prontificava-se, com uma espécie de grotesco desplante, a parodiar aquilo que admirava e que era a linguagem erudita, verdadeiramente impraticável quando se faz pública. Disse-lhe, um dia:

— Ninguém o entende com essa maneira de explicar os fenómenos mais arriscados. Você compreende o que diz?

— Não, nem isso me dava gosto nenhum. O que eu quero é ensinar os outros, e estou muito calhado nisso.

Era, no fim de contas, um civilizado, Gaspar. Quando se encontra o à-vontade entre a ignorância e a doutrina, produz-se o que se chama civilização.

No abrir da aldeia, com aquelas ventanas de ferraria cruzada e a grande porta de almofadas em losango, estava a Casa da Obra. O povo chamava-lhe assim, a designação fora-se fixando e já não tinha outra aquele solar de meia fidalguia que no século XVIII viera cair nas mãos da família Pinto Midões. Durante quarenta anos a casa estivera entregue a modificações, invadida por operários que desatilharam a capela e que tiraram o reboco dos tectos, em cujo brasão brilhava o azul nacionalista e as conchas de antigos capitães-mores. Desprezaram-se alçapões secretos, descobriram-se fontes interiores com enormes carrancas de São Cristóvão pintadas; apareceram algumas imagens da Senhora da Serpe e de Santa Helena, cobertas de poeira